

Liderança exige sacrifício

William França

Líder comunitário trabalha muito e não tem compensação financeira. Quem assegura isso é o mineiro de 45 anos José Campos de Freitas. Campos, como é conhecido em Taguatinga, Ceilândia e Samambaia. Há oito anos, Campos trocou a vida de viajante pelo trabalho comunitário na região em que reside a 22 anos. Trocou passeios pelo Norte e Nordeste por reuniões que muitas vezes atravessam noite adentro. Sua casa, embora não seja a sede da Associação dos Moradores do Setor QSD de Taguatinga — da qual é presidente há quase três anos —, transforma-se diariamente num ponto de encontro comunitário.

Sem desenvolver nenhuma atividade profissional regular, Campos mantém a si, a esposa e dois filhos com um renda mensal de aproximadamente Cr\$ 15 mil, obtida através de aluguéis de casas e lotes que adquiriu tão logo chegou à cidade. “Não recebo dinheiro de ninguém para desenvolver meu trabalho. Muitas vezes, tiro do meu próprio bolso para ajudar alguém”, garante Campos. É bem verdade que ele mantém sempre uma cota a mais de comida no almoço. “Sempre aparece alguém pedindo alguma coisa”. Segundo Campos, além de comida, pedem leite, pedem remédio e pedem lote. “Esses últimos tempos, então, não pára de chegar gente aqui atrás de um lugar no assentamento”, desabafa.

Campanha

Trabalhando numa região com aproximadamente 30 mil pessoas — sem se considerar, no caso, a área de Samambaia —, Campos hoje vangloria-se do apoio de muitos de seus quase dois mil filiados diretos, que o querem como deputado distrital. Mas, com modéstia, revela que ainda não decidiu se quer trilhar o caminho das urnas. A dúvida de Campos, segundo ele, é baseada em duas vertentes: não tem dinheiro para a campanha — “só

recebi até agora apoio moral, financeiro nenhum” — e ainda não está convicto da importância do novo cargo. “Sinceramente, não vejo importância nisso maior que o trabalho que desenvolvo por aqui”, revela.

Campos deixa a modéstia de lado quando recorda suas conquistas para a comunidade pela qual é responsável. “Mais duas linhas de ônibus, uma lavanderia coletiva com dez tanques, calçamento de ruas, conservação da mata nativa próxima aos córregos Taguatinga e Cortado (que delimitam o setor QSD), agência bancária...” diz o líder taguatinguense, num quase monopólio. Mas não se dá por vencido: “Temos que providenciar um hospital para Taguatinga Sul, uma delegacia, mais calçamento nas ruas e melhoria nos transportes públicos”, enumera instantaneamente seus projetos.

Dia-a-dia

Campos conta que há muito tempo sua rotina diária é quase que exclusivamente voltada para a comunidade. “Tem dia, às vésperas da distribuição dos tíquetes de leite, que muita gente dorme na minha porta. Só que eu não durmo, pensando neles”, revelou. Não é difícil de se constatar esse assédio popular por auxílio na casa de Campos: numa tarde, em pouco mais de hora meia de conversa com o JBr, ele foi interrompido pelo menos três vezes pelo telefone e recebeu visita de duas pessoas em sua casa. O assunto principal foi a crise no Programa do Leite, já que Campos controla a distribuição dos tíquetes a 850 famílias. Mas, o assédio maior é pela manhã, quando até mesmo filas são formadas.

Ele já perdeu a conta das pessoas que atendeu. “Como muitos dos que moravam na QSD acabaram no assentamento, aumentaram bastante os problemas, e eu acabo indo para lá”, conta Campos, lembrando que para isso vale-se de seu próprio carro e de sua própria gasolina.